O MODO DE TRADUZIR DE ODORICO MENDES: OBSERVAÇÕES ACERCA DO CANTO I DA ENEIDA BRASILEIRA

ODORICO MENDES' WAY OF TRANSLATING: COMMENTS ON THE BOOK I OF THE BRAZILIAN AENEID

Fernando Coelhoⁱ
(Doutorando PPGLg/UFSC)
zeffiretto@gmail.com

Thaís Fernandesⁱⁱ
(Doutoranda PGET/UFSC)
fernandes.tha@gmail.com

Resumo: A proposta deste artigo é apresentar observações acerca do método de tradução de Manuel Odorico Mendes. Para tanto, recorreremos à recepção e crítica de alguns autores importantes sobre as versões do tradutor e atentamos para as indicações sobre seus procedimentos de tradução, expostos por ele nos prólogos e introduções das traduções. Finalmente, fizemos uma análise preliminar de algumas soluções tradutórias para o Canto I da epopeia de Virgílio, a *Eneida*, baseando-nos nos dois métodos de tradução propostos por Schleiermacher. Os recursos utilizados por Odorico Mendes nos contextos analisados permitem supor que as suas estratégias tradutórias se alinhavam ao modo de traduzir conhecido por “estrangeirização”, que fora proposto por Schleiermacher no início do século XIX.

Palavras-chave: Manuel Odorico Mendes. Tradução. Eneida. Estrangeirização. Schleiermacher.

Abstract: The aim of this article is to discuss the translation method followed by Manuel Odorico Mendes. To do so, we make use of the critic reception of some major authors on versions of the translator, paying attention to their indications about his translation proceedings, as exposed by him in prologues and introductions to translations. Finally, we have analyzed preliminarily some of the translation solutions to the Book I of Virgil's epic, *The Aeneid*, based on the two translation methods proposed by Schleiermacher. The resources used by Odorico Mendes in the contexts that we analyzed allow us to suppose that his translation strategies were aligned with the way of translating known as “foreignization”, which had been proposed by Schleiermacher in the beginning of the XIXth century.

Keywords: Manuel Odorico Mendes. Translation. Aeneid. Foreignization. Schleiermacher.

INTRODUÇÃO

Nascido em São Luiz do Maranhão em 1799, Manuel Odorico Mendes foi poeta, jornalista, político e tradutor. Sua formação intelectual se deu na Europa, mais precisamente em Coimbra, onde fez seus estudos de grego e concluiu os cursos de

Filosofia Racional e Moral e Filosofia Natural. Morreu em 1864, quando estava em um trem a caminho de Londres.

Embora tenha tido uma carreira de prestígio na política brasileira, chegando a ser indicado para assumir o cargo de regente quando D. Pedro II era menor de idade, talvez a faceta mais famosa de Odorico Mendes seja a de tradutor. Nos últimos dez anos de sua vida, empenhou-se numa árdua tarefa: traduzir toda a obra de dois dos mais importantes autores clássicos: Homero e Virgílio. No autoexílio em solo europeu, começou o trabalho pela epopeia do autor latino, que foi publicada entre os anos de 1843 e 1844 na revista *Minerva Brasiliense*ⁱⁱⁱ. A versão completa saiu em 1854, intitulada *Eneida Brasileira ou Tradução poética da epopeia de Públio Virgílio Maro*, e foi reeditada em 1858, juntamente com as traduções das *Geórgicas* e das *Bucólicas*, sob o título de *Virgílio brasileiro*. As versões das epopeias de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*, foram concluídas, respectivamente, nos anos 1863 e 1864, e publicadas postumamente (OLIVEIRA, 2011).

64

A *Eneida*, obra que aqui nos interessa, foi escrita entre 29 e 19 a.C., a pedido do Imperador Augusto. O poema descreve a fundação de Roma, contando a trajetória do herói troiano, Eneas. A primeira tradução da obra em português brasileiro foi feita por João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, impressa em 1845, na Bahia, quase uma década antes da tradução de Odorico Mendes. Temos no Brasil mais três traduções conhecidas da epopeia: a de David Jardim Júnior, feita em prosa e publicada em 1967; a edição em versos de Carlos Alberto Nunes, de 1981; e a versão em prosa de Tassilo Orpheu Spalding, editada na década de 80.

ODORICO MENDES: OBRA, RECEPÇÃO E CRÍTICA

Ao longo da década em que foi tradutor dos clássicos, Odorico Mendes propôs um método de tradução polêmico, alvo de elogios e de críticas. A tradução da *Eneida*, por exemplo, foi recebida com entusiasmo na época da sua publicação. Um exemplar da tradução foi entregue ao Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro, em uma reunião que aconteceu em julho de 1854, conforme registro em ata (cf. *Revista do IHGB*, 1854, p. 594). Segundo Vieira (2010), em artigo sobre a recepção de Odorico Mendes no século XIX, ao observarmos esse episódio, podemos pensar que

[...] a tradução odoricana era aguardada pela principal sociedade científica do Império do Brasil, o que reveste sua publicação de certo caráter oficial, ainda mais

COELHO, FERNANDES. O modo de traduzir de Odorico Mendes: observações acerca do Canto I da *Eneida Brasileira*. *Belas Infâncias*, v. 3, n. 2, p. 63-75, 2014.

por estar o próprio Imperador presente à reunião, como declara também o cabeçalho da ata. Vale a pena ressaltar nesse comunicado a expressão ‘recebido com agrado’, que revela, por sua quebra de protocolo, a contida euforia que a notícia da publicação causou (p. 142).

Apesar do entusiasmo patriótico em relação à tradução de Odorico Mendes, Vieira (2010) também observa críticas negativas entre os contemporâneos do maranhense. O tradutor Caetano Lopes de Moura, por exemplo, afirmou sobre a versão odoricana:

Observaremos aqui, para não tornarmos a repeti-lo, que o arbítrio que o A. da *Eneida Brasileira* tomou de encurtar a tradução dela, encerrando-a quase toda no mesmo número de versos que o original, o pôs em ocasião

1.o de alatinar quanto se lhe antolhou impossível expressar-se em português;

2.o de empregar quase sempre os verbos no presente, para evitar o aumento de sílabas com que nos demais tempos se modificam;

3.o de cortar, por quase todas, as transições que se observam no original, [...] conseguindo-se daí que o estilo desta sua produção literária é desatado, uniforme, duro e, por vezes, escuro (VEIGA, 1979, p. 162 apud VIEIRA, 2010, p. 149).

Já Frederico José Correa, vice-presidente da província do Maranhão, escreveu que a tradução de Odorico Mendes o “[...] fez muitas vezes recorrer ao texto latino para entender o português” (CORREA, 1878, p. 49 apud VIEIRA, 2010, p. 151). Outro crítico contrário ao seu modo de traduzir é Sílvio Romero, autor de *História da literatura brasileira*, publicada em 1888. De acordo com Romero (1949), para traduzir o tradutor deve considerar três campos de conhecimento: cultural, linguístico e artístico. Na opinião do autor, “[o] primeiro aspecto do problema foi pouco da alçada de Odorico; o segundo ele o conheceu; o terceiro faltou-lhe completamente”, ele completa sua crítica sobre as traduções dizendo que “ali tudo é falso, contrafeito, extravagante, impossível. São verdadeiras monstruosidades” (ROMERO, 1949, p. 35 apud OLIVEIRA, 2011, p. 12).

Antonio Candido (2000), na *Formação da literatura brasileira*, publicada em 1957, também não poupa críticas a Odorico Mendes. O maranhense aparece citado, na parte da obra de Candido intitulada *Mau gosto*, como um dos discípulos do tradutor português Filinto Elísio^{iv}. Candido reconhece nesses poetas “[...] inteligência, cultura e chateza [...]” (2000, p. 190), criticando também o uso exacerbado de neologismos, que assim foi justificado por José Bonifácio, contemporâneo de Odorico, quando traduziu Píndaro:

[nós] já temos muitos vocábulos compostos tirados do latim, e porque não faremos, e adotaremos muitos outros, tanto ou mais necessários em poesia, como por

COELHO, FERNANDES. O modo de traduzir de Odorico Mendes: observações acerca do Canto I da *Eneida Brasileira*. *Belas Infâncias*, v. 3, n. 2, p. 63-75, 2014.

exemplo: *auricómada*, *rocicómada*, *boquirubra*, *braccirósea*, *ollinegra*, *olhiamorosa*, *argentípede*, *tranciloira*, *docirisonha*, *docifalante*, etc., etc.? Ousem mais os futuros engenhos brasileiros, agora que se abre nova época no vasto e nascente Império do Brasil à língua portuguesa, dar este nobre exemplo; e fico, que apesar de franzirem o beijo puristas acanhados, chegará o português, já belo e rico agora, a rivalizar em ardimento e concisão com a língua latina, de que traz a origem. (BONIFÁCIO, 1946, p. 72 apud OLIVEIRA, 2011, p. 13).

Odorico Mendes, portanto, teve antecedentes na arte de criar novos vocábulos para traduzir línguas antigas. Ele justifica esse procedimento na *Advertência* de sua tradução da *Eneida*: “adotei algumas palavras do latim e compus não poucas por me parecerem necessárias na ocasião. De algumas faço menção nas notas; de outras não tratei, por ser óbvio o sentido em que as tomo.” (VIRGÍLIO, 2005, p. 32). Mas Candido critica esse procedimento na tradução odoricana da *Ilíada*, na sua opinião, Odorico Mendes recheou sua versão “[...] de vocábulos e expressões que tocam as raías do bestialógico [...]” (2000, p. 191). Para Oliveira (2011), a obra de Odorico Mendes como tradutor faz parte do que Candido entende como “literatura empenhada”.

66

Odorico Mendes que, como sabemos, viveu em Portugal, chamou sua tradução da epopeia virgiliana de *Eneida Brasileira*, o que pode denotar, segundo Vieira (2010, p. 141), uma possível oposição à *Eneida Portuguesa*, publicada anteriormente pelo tradutor João Franco Barreto. Ainda para Vieira (2010), “[...] o adjetivo ‘brasileira’ exibiu o orgulho da nação recém-emancipada em produzir sua própria versão da mais célebre epopeia latina” (idem) e era uma prova do desejo desses escritores de se apresentarem como fluentes nas mais importantes tradições clássicas europeias. Essa busca pela competição com os escritores clássicos também pode ser comprovada na intenção que tinham alguns tradutores da época de construir versões mais curtas que as originais, mesmo traduzindo de uma língua sintética para uma língua analítica. Em sua tradução da *Ilíada*, o próprio Odorico Mendes chama a atenção para o fato de que traduziu os 15.674 versos gregos por 13.116 versos portugueses (cf. Oliveira, 2011).

Ao lado dos admiradores das traduções odoricanas está José Veríssimo, que escreveu em sua *História da literatura brasileira*, publicada em 1916, que Odorico Mendes “trasladou para o português os dois máximos poetas da Antiguidade clássica, não raras vezes aliás emulando-os em beleza e vigor de expressão” (VERÍSSIMO, 1963, p. 189 apud OLIVEIRA, 2011, p. 14). Talvez um crítico mais moderado seja Haroldo de Campos, que reconhece numerosos “vícios” nas traduções do maranhense, ao mesmo tempo que o vê como “o

primeiro a propor e a praticar com empenho aquilo que se poderia chamar uma verdadeira teoria da tradução” (2006, p. 38), reivindicando para Odorico o título de “patriarca da transcrição”.

Contemporaneamente, alguns pesquisadores estão retomando os estudos sobre a obra traduzida deixada por Odorico, dentre os quais podemos destacar Hélio Lopes, Medina Rodrigues, Sálvio Nienkötter, Paulo Sérgio de Vasconcellos e Francisco Achcar.

A leitura da crítica e da recepção da obra de Odorico Mendes mostra que se por um lado suas traduções são criticadas por serem obscuras, ilegíveis e até monstruosas, por outro, o tradutor é enaltecido como alguém que contribuiu para o enriquecimento da língua portuguesa do Brasil e para a elaboração de um método de tradução que, segundo os concretistas, estará na gênese de uma linhagem literária que passa por Sousândrade e chega a Guimarães Rosa. Podemos compreender melhor esse método e os procedimentos adotados pelo tradutor através do estudo das propostas tradutórias de Schleiermacher, detalhadas a seguir.

DOIS MÉTODOS PARA A TRADUÇÃO

67

Schleiermacher coloca-se a seguinte questão: deve o tradutor aproximar do autor o seu leitor, a ponto de instaurar uma proximidade tal qual havia entre o público original e a obra? Ou como ele pode fazer caso queira apenas transmitir a mesma compreensão ou o mesmo prazer na leitura que ele teve com base no seu conhecimento da língua e no seu método hermenêutico? Contudo, para que os leitores da tradução entendam,

[eles] precisam captar o espírito da língua própria do autor, precisam poder olhar a forma de pensar e sentir particular do autor; e para obter ambos ele não consegue lhes oferecer nada além da própria língua dos leitores, que jamais coincide completamente com aquela, e a si próprio, da forma pela qual ele conheceu seu autor, ora mais, ora menos claramente, e como o admirou e o aprovou, ora mais, ora menos. (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 37)

Nesse afã, o tradutor deve evitar a paráfrase (acréscimos mecânicos explicativos) e a imitação (quando faz a sua enunciação curvar-se à irracionalidade das línguas). Essas duas atitudes não são suficientes para aquele que quer ampliar o campo de ação de uma obra estrangeira sobre a sua língua.

Schleiermacher apresenta então dois procedimentos possíveis, se o tradutor quer de fato aproximar as duas pessoas (autor e leitor da tradução). O primeiro consiste em o tradutor

substituir através do seu trabalho a compreensão da língua de origem que falta ao leitor, objetivando transmitir a mesma imagem ou impressão que o seu conhecimento da língua lhe permitiu. Aqui, o leitor é levado até o autor, que é deixado em paz. O seu critério de perfeição consiste em pensar que o autor original teria traduzido da mesma forma para a língua de chegada, caso a conhecesse tão bem quanto o tradutor.

Esse método tem de definir primeiro qual compreensão da língua do original o tradutor quer reproduzir, pois não deve praticar a imitação simplória que não resulta da visão clara do todo. É preciso evitar as imitações comuns aos casos em que o tradutor vive e se ocupa o mais frequentemente do mundo estrangeiro, de modo que a sua língua doméstica já lhe é estranha, ou daqueles tradutores cuja compreensão de obras estrangeiras não é menos fluente do que na sua língua materna: como não sentem nenhuma incomensurabilidade entre o seu pensamento e a língua na qual leem, nenhuma tradução consegue atingir ou apresentar a sua compreensão. “O tradutor deve almejar o objetivo de proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer tais como a leitura da obra na língua original oferece ao homem formado de tal maneira que gostaríamos de chamar, no melhor sentido da palavra, de admirador e conhecedor.” (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 49) Embora familiar, a língua estrangeira continua sendo estranha, e o leitor da tradução permanece consciente das diferenças que existem entre a sua língua e a do autor.

O tradutor deve estar atento a como usa a língua o autor por sua necessidade expressiva particular, e isto ele deve transpor para o seu leitor, valendo-se de estratégias diversas, muitas vezes até contrárias às que foram empregadas no texto de partida. Schleiermacher (2001) dá aqui o exemplo de uma palavra arcaica de uma língua que pode corresponder a uma nova na língua de partida (sem precisar introduzir um elemento estranho, coisa que se faria por imitação.) Deve ele ainda compreender a relação que o autor construiu na composição da sua narrativa, o seu ritmo e sonoridade, que é preciso que constem na tradução. Há uma luta entre a fidelidade rítmica e a gramatical, que exige a sensibilidade do tradutor para tomar as decisões mais acertadas, pois a preferência reiterada pelo conteúdo pode produzir excessivas e indesejáveis paráfrases. Ater-se aos detalhes pode fazer que o todo resulte uma impressão completamente diferente.

O próprio Schleiermacher reconhece que a tarefa não é simples, pois é preciso transplantar a sensação de que os leitores estão diante de algo estrangeiro, sem cair no exagero, trazendo formas exatamente iguais. Isto seria ridículo. Contudo, o estranho deve ser

apresentado na língua de chegada, sobretudo quando esta está demasiado presa em limites clássicos, pois os textos traduzidos se revestem aqui de uma função de ampliação dos seus horizontes, não só meramente linguísticos, mas culturais. O ideal é que o povo tenha tendência a apropriar-se do estrangeiro, como foi o caso do povo alemão no tempo em que Schleiermacher escreveu o seu artigo, e que este procedimento seja tomado em massa pelos tradutores. Trabalhos isolados têm valor de precursor. Neste particular, veremos que o tradutor que analisaremos pode ser considerado um dos precursores desta atitude no Brasil.

Schleiermacher resume o método em poucas palavras. Esse método

se baseia em duas condições: que a compreensão de obras estrangeiras seja uma condição conhecida e desejada e que seja concedida uma determinada flexibilidade à língua pátria. Onde estas condições estiverem preenchidas, esta forma de tradução será um fenómeno natural, terá efeito no desenvolvimento geral do espírito e, como ela recebe um valor determinado, terá também uma apreciação garantida. (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 67)

Vejamos em linhas gerais o segundo método, que é claramente desprezado pelo nosso autor. Consiste em deixar o autor discursar como ele teria feito em alemão para alemães. Seria como se o autor se transformasse em um escritor alemão, de modo que não se exige nenhum empenho ou esforço do leitor para lidar com características estrangeiras, pois estas não se lhe apresentam. Foi apresentado historicamente como uma exigência como condição de boa tradução. Neste método, não se permite na língua de chegada nenhuma operação que as suas obras originais não realizem, mantendo-se o zelo pela sua pureza. Uma razão para escolher esse procedimento é que ele permite mostrar aos leitores da tradução o que o autor foi para a sua língua, como se valeu do que estava à sua disposição. Para isso, seria preciso individuar o que na expressão do autor é pura influência da sua língua materna, e aquilo que é estrangeiro. A tarefa parece a Schleiermacher inatingível e fútil. Ademais, raramente surge algo nesse procedimento que tivesse um verdadeiro valor além da exatidão da imitação. A sua aplicabilidade é limitada, enquanto as suas dificuldades são inúmeras. Cada língua constitui um sistema de conceitos que se interligam e conectam de tal modo que as suas partes, separadas, não correspondem a nenhum outro sistema. Resta ao tradutor parafrasear, mas isto nunca se parecerá com algo originalmente feito na língua, ou reformular a sabedoria do autor no sistema de outra língua, coisa que seria irresponsável. Em alguns casos, o tradutor deveria deixar de dizer muitas coisas presentes no original, porque pertencem à cultura que produziu

aquela obra, muitas vezes não havendo um termo na língua de chegada. Então, tradutor acaba por excluir ou substituir esse termo na tradução.

Comparando os dois métodos, Schleiermacher diz que o primeiro é necessário “para um povo do qual só uma pequena parte pode adquirir um conhecimento suficiente de línguas estrangeiras, mas uma parte maior tem um sentido para a apreciação de obras estrangeiras”, sendo o segundo apenas obra de “concupiscência e leviandade.” (SCHLEIERMACHER, 2001, p. 79) Seria apenas uma imitação, cuja finalidade consistiria em levar à contemplação da mesma relação de algumas expressões e combinações em diferentes línguas. Apenas mestres excelentes poderiam fazer tais traduções. Há uma função histórica para a tradução em grande massa, mas somente a feita segundo o primeiro método, pois o contato multilateral com o estrangeiro faz prosperar e se desenvolver a língua e a cultura de um povo.

Para Schleiermacher, por fim, os dois métodos não devem ser misturados.

O MÉTODO DE ODORICO MENDES

Odorico Mendes oferece pistas interessantes para entender seu método nas introduções e notas de suas traduções. Já vimos que o maranhense prezava pela invenção de novos vocábulos e pela concisão dos versos traduzidos: “[trata-se], para Mendes, de mostrar a capacidade de concisão do português brasileiro, variante prolixa de uma língua prolixa” e de reivindicar “a tradução adequada dos versos bem como a tarefa de suprir poeticamente as lacunas geradas pela transposição de uma à outra língua.” (OLIVEIRA, 2011, p. 16).

No prólogo de sua tradução da *Ilíada*, Odorico Mendes expõe mais alguns dos procedimentos usados por ele, como a intensa consulta a dicionários e a traduções em outras línguas da mesma obra, prática que muitas vezes o fez rever e corrigir seus versos. No mesmo texto, o tradutor ainda explica que se comprometeu em

Verter os epítetos com exatidão e nos lugares mais apropriados; isto feito, o omito as repetições onde seriam enfadonhas. Ainda mais: vario a forma de cada epíteto, ou me sirvo de um equivalente: em vez de Aquiles velocípede, digo também impetuoso, rápido, fogoso; e assim nos demais. Note-se que os adjetivos gregos, terminando em casos diversos, não têm a monotonia dos nossos, que só variam nos dois gêneros e nos dois números. [...] Se vertermos servilmente as repetições de Homero, deixava a obra de ser aprazível como é a dele; a pior das infidelidades. Com isto não quero fazer a apologia das paráfrases: aspiro a ser tradutor (MENDES apud HOMERO, 1874, p. 21 apud OLIVEIRA, 2011, p. 16).

Não podemos afirmar que Odorico Mendes tenha tido acesso ao ensaio em que Schleiermacher apresenta as suas propostas metodológicas para a tradução, embora a cronologia o permita. A sua estada na Europa na primeira metade do século XIX nos autoriza a pensar que ele pode ter entrado em contato com as ideias do pai da hermenêutica moderna, ainda que indiretamente e em outra língua, talvez na frequentação dos círculos intelectuais que porventura debatessem as questões relativas ao estudo e à tradução da literatura e filosofia clássicas.

Contudo, as poucas afirmações que Odorico fez (e que se registraram) acerca das suas próprias traduções e uma análise, ainda que preliminar, de alguns dos aspectos dos seus trabalhos sugerem que o nosso conterrâneo tradutor era adepto do primeiro método proposto por Schleiermacher, pelo qual se pretende levar o leitor até o autor original. Examinemos alguns casos, extraídos para exemplificação da sua tradução do Canto I da *Eneida* (VIRGÍLIO, 2005, p. 37-55).

Uma característica muito conhecida das línguas clássicas é a sua liberdade sintática, permitida especialmente pelo sistema de casos, capaz de indicar morfologicamente a função sintática dos constituintes da frase. As línguas neolatinas não herdaram do latim tamanha liberdade, pois na ausência de uma marca desinencial para as principais funções, a compreensão se dá pela ordem, que portanto é significativa e conseqüentemente menos livre. Os célebres versos 5 e 6 da *Eneida*, nos quais está expresso o objetivo da obra, leem-se assim no original: “at nunc horrentia Martis Arma virumque cano [...]”. Uma tradução mais provável na ordem natural em português (cf. Almeida, 2001), observando-se as funções sintáticas, resultaria em: “E agora canto as horríveis armas de Marte e o homem [...]”. A ordem livre latina é potencial, havendo preferências posicionais observáveis. O verbo costuma vir no final (*cano*), sendo-lhe os objetos colocados antes (*horrentia Martis Arma* e *virumque*). Um adjunto adnominal no genitivo que determina uma expressão composta de substantivo e adjetivo ou adjetivo e substantivo é frequentemente colocada entre esses dois (*horrentia* [adj.] *Martis* [gen.] *Arma* [subst.]). É o caso dos versos em exame. A tradução de Odorico Mendes é como segue: “De Marte ora as horríveis Armas canto e o varão que...” (VIRGÍLIO, 2005, p. 37). Nosso tradutor não reescreveu na ordem natural portuguesa, evitando o segundo procedimento tradutório apresentado por Schleiermacher, isto é, aquele que confere ao texto a impressão de que o texto foi escrito originalmente em português. Tampouco foi mantida a ordem original, escolha que consistiria em imitação e que sabemos dever ser evitado de

acordo com a teoria que nos orienta. Ao contrário, Odorico Mendes jogou com uma ordem mais livre, procurando uma sonoridade que, mais do que revelar ao leitor a ordem estabelecida no texto latino por Virgílio, transmite uma impressão mais condizente com a que se tem ao ler o original.

Consideremos um exemplo sintético e lexical. No verso 38 do texto original se lê “[progeniem audierat] Tyrias olim quae verteret arces”. Aqui temos o adjetivo patronímico “Tyrias”, significando “tírias”, “de Tiro”, que por extensão pode equivaler a “cartaginês” (cf. o verbete “tírio” no dicionário Houaiss), e que determina o substantivo “arces”, plural feminino de “arx”, significando propriamente “fortalezas”. “Quae verteret” é uma oração adjetiva, composta do pronome relativo subjetivo feminino nominativo “quae”, referindo-se à “progênie troiana”, ou seja, os descendentes dos habitantes de Troia, termo mencionado no verso anterior, e sujeito do verbo no subjuntivo imperfeito “verteret”, que veicula a ideia de reverter, pôr de cabeça para baixo (subverter), mas pelo contexto pode ter o sentido de destruir, aniquilar. Finalmente, “olim” traduz-se por “outrora”. Uma tradução literal resultaria nisto: “[ouvira de uma progênie que] “as tírias outrora que destruiu as fortalezas”. Resultado, de fato, um tanto estranho. Naturalizando a frase, poderíamos chegar a “[ouvira de uma progênie que,] outrora, destruiu as fortalezas cartaginesas.” Odorico Mendes, porém, não naturaliza o verso, traduzindo assim: “[ouvira que a progênie] Dos Penos subvertendo as fortalezas”. Em lugar do adjetivo “tírias”, ou, o que seria naturalizar mais, do adjetivo “cartaginesas”, ele escolheu o adjunto adnominal restritivo “dos Penos”, designação derivada do latim “Poenus, a, um”, que também se refere a Cartago. Trata-se de uma alusão menos direta, por sinédoque, efeito equivalente ao que produz o texto original. A sintaxe também é alterada. Odorico não imita a sintaxe latina, nem opta pela sua naturalização numa ordem mais direta, oferecendo ao leitor um verso que apresenta a inversão do adjunto adnominal, substituindo a oração relativa adjetiva por um gerúndio (*subvertendo*). A impressão resultante é uma frase facilmente compreensível, a não ser pelo elemento estranho para a maior parte dos falantes (o termo que faz referência aos cartagineses), como a lembrar ao leitor que ele tem em mãos um texto de uma outra cultura.

No verso 15, referindo-se à deusa Juno, Odorico traduz a expressão “numine laeso” por “ofensa nume”. No contexto, quer-se lembrar que a deusa fora previamente ofendida, explicação das suas atitudes contrárias ao herói objeto da narração e razão da maior parte dos seus reveses. Uma tradução mais caracterizada pela manutenção de elementos pertencentes à

cultura original poderia manter o termo “nume” (propriamente legado do latim e significando “divindade”, “deus” ou “deusa”), assim como valer-se da sua tradução mais direta, “deusa”. Poderia igualmente manter a ordem do original, com adjetivo posposto. E finalmente poderia empregar o adjetivo participial (como o latino), de mesma raiz: “lesada”. A tradução da expressão seria, portanto, “deusa lesada”. Nesse caso, teríamos um resultado paradoxal, pois a atinência mimética ao texto original resultaria no texto mais natural em português. Mais natural, pelo menos, que a expressão escolhida por Odorico Mendes para traduzir o sintagma latino: “ofenso nume”, e isto por três razões. Em primeiro lugar, “nume” não é um conceito pertencente à cultura brasileira, aparentemente de nenhuma época, com datação documental, segundo Houaiss (ver o verbete “nume”), de 1640, ao passo que em latim trata-se de termo corrente. Pelo procedimento adotado pelo tradutor brasileiro, um elemento da cultura é trazido para o leitor. Ademais, a ordem inversa e a escolha do adjetivo participial latinizante “ofenso”, além de tornar a expressão relativamente mais musical, remete à distância temporal (uma vez que o termo soa arcaico) e cria um efeito poético a serviço do registro do texto.

Com procedimento contrário, mas como efeito estrangeirizante semelhante, no verso 10, Odorico Mendes traduziu a expressão “saevae Junonis” por “da seva Juno”. O adjetivo latino “saevus, a, um” significa “cruel”, “desumano”. Não é de uso senão poético. A expressão está no genitivo, funcionando como adjunto adnominal, que se traduz tradicionalmente em português pela adjunção da preposição “de”. A tradução “da seva Juno” mantém a ordem e o adjetivo etimologicamente derivado. Diferentemente do caso precedente, esta ordem promove a sonoridade (melhor do que “da Juno seva”), e a escolha do adjetivo, embora arcaico, - e por isso nesse aspecto não equivalente com o texto original, por este ser corrente em latim, - introduz o elemento estranho, desfazendo a impressão de naturalidade.

CONCLUSÃO

A partir da leitura de parte da crítica ao trabalho de Odorico Mendes e da análise preliminar de alguns aspectos de sua tradução da *Eneida*, entendemos que seu modo de traduzir tende a ser estrangeirizante, no sentido proposto por Schleiermacher. A estranheza que essa maneira de traduzir pode causar em alguns leitores é o que suscita, ao mesmo tempo, admiração e rejeição às suas traduções, conforme observamos nos comentários dos críticos expostos anteriormente.

Nas palavras de Oliveira,

[...] deve ser dito que seu papel na literatura brasileira não pode ser obliterado, pelo seu pioneirismo, pelo seu comprometimento com esta literatura que ajudou a criar, tanto quanto por aqueles que entre os seus versos – sejam de circunstância, da sua lírica pessoal ou das traduções clássicas – mereçam ainda hoje ser lidos. (OLIVEIRA, 2011, p. 19).

Pioneirismo no modo de traduzir que Odorico Mendes ajudou a introduzir no Brasil e ilustrou com suas traduções clássicas, tornando-se obras literárias que por si só merecem o reconhecimento representando pela sua leitura e estudo.

As análises a que procedemos neste artigo corroboram a opinião segundo a qual Odorico Mendes foi um dos precursores no Brasil no modo de traduzir conhecido por *estrangeirização*, ainda que nada possamos dizer sobre o possível contato com as ideias de Schleiermacher. Como quer que seja, os seus méritos tradutórios são admiráveis, assim como o seu empenho de inspiração nacionalista na tentativa de trazer a obra estrangeira à nação brasileira, ao mesmo tempo que isto representava matéria prima e forma das quais a literatura vernácula poderia beneficiar-se.

74

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**: ensaios de teoria e crítica literária. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos: vol. 1 (1750-1836). 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa. [Versão eletrônica] Instituto Antonio Houaiss – Editora Objetiva, 2001

MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**: vol. II (1794-1855). 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

OLIVEIRA, José Quintão de. Homero Brasileiro: Odorico Mendes traduz a épica clássica. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, v. VII, n. 2, p.7-21, jan./jun. 2011. Semestral.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Tomo XVII. 4º trimestre de 1854.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. **Sobre os diferentes métodos de traduzir**. In: Heidermann, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Antologia bilíngue alemão-português. Florianópolis, NUT, 2001.

VIEIRA, Brunno V. G.. Recepção de Odorico Mendes: (a)casos de crítica de tradução no séc. XIX. **Phaos**, Campinas, n. 10, p.139-154, jan./dez. 2010. Anual.

VIRGÍLIO. **Aeneis**. Texto original. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/>. Acesso em 20 de julho de 2001.
_____. **Eneida**. Tradução e notas de Odorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

RECEBIDO EM 16/12/2014

ACEITO EM 12/01/2015

ⁱ Lattes Fernando Coelho. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8031229445550956>. Acesso: jan. 2015.

ⁱⁱ Lattes Thaís Fernandes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8499862356316466>. Acesso: jan. 2015.

ⁱⁱⁱ A revista *Minerva Brasiliense* “[...] foi órgão do nacionalismo literário e da consciência de uma literatura brasileira; além da matéria propriamente literária, inseria artigos sobre agricultura, colonização e outros assuntos de interesse nacional.” (MARTINS, 1978, p. 275). Ainda segundo Martins (1978), à frente da revista estavam Gonçalves de Magalhães, F. Bernardino Ribeiro, Pinheiro Guimarães, Silva Maia, Joaquim Caetano da Silva, Joaquim Norberto e Torres-Homem, este redator-chefe do primeiro número, que começou a circular em novembro de 1843.

^{iv} De acordo com Vieira (2010), Odorico Mendes declarava-se abertamente discípulo de Filinto Elísio e “[...] dessa vertente estilística e tradutória: ‘Dentais dorsiduplos em vez de ‘que têm dois dorsos’ ou ‘de dois lados reforçados’: discípulo de Ferreira, de Camões, de Filinto, não recuo à vista de uma palavra composta, mais curta e enérgica’ (nota ao passo I, 172. – 172 das *Geórgicas*, grifo nosso).’ (VIEIRA, 2010, p. 147).